



## **Pedagogia do Corpo: O Fenômeno Jojô Todynho Corpo Gordo no Funk - “Que Tiro Foi Esse, Que Tá um Arraso?”**

*Marcelo Máximo Purificação<sup>1</sup>; Maria Filomena Rodrigues Teixeira<sup>2</sup>; Elisângela Maura Catarino<sup>3</sup>;  
Maria Luzia da Silva Santana<sup>4</sup>; Katielly Vila verde Araújo Soares<sup>5</sup>; Vanessa Alves Pereira<sup>6</sup>*

**Resumo:** Este texto, produzido no âmbito da disciplina *Pedagogia do Corpo* do Programa de Pós-Graduação em Educação (Doutorado) da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, e da pesquisa desenvolvida no eixo temático: Formação de Professores - Identidade e Gênero, vinculada ao Grupo de Pesquisa NEPEM/CNPq/UNIFIMES e a Escola Superior de Educação de Coimbra –ESEC - tem como objetivo problematizar, no viés da Pedagogia do Corpo - o Corpo Gordo no Funk-, visto a partir da perspectiva da cultura e da lupa teórica dos estudos culturais. Reflete sobre o fenômeno Jojô Todynho – funkeira, gorda e preta, cujo estilo e música caíram no gosto popular, arrebatando milhares de seguidores. É um texto de cunho qualitativo, ancorado no aporte bibliográfico. Como resultado, foi possível perceber indícios da autorepresentação feminina e da resignificação do discurso feminista na figura Jojô Todynho, as representações do corpo feminino no funk, assim como questões de raça e classes sociais.

**Palavras-chave:** Funk/Musica; Corpo gordo; Identidades; Cultura, Estudos Culturais.

## **Body Pedagogy: The Phenomenon Jojô Todynho Body Fat on Funk - “What's That Shot, What is a Damn?”**

**Abstract:** This text, produced within the scope of the subject Pedagogy of the Body of the Post-Graduate Program in Education (Doctorate) of the Lutheran University of Brazil - ULBRA, and of the research developed in the thematic axis: Teacher Training - Identity and Gender, linked to the Research Group NEPEM /CNPq /UNIFIMES and the Higher School of Education of Coimbra - ESEC - aims to problematize, from the standpoint of Pedagogy of the Body - the Fat Body in Funk-, seen from the perspective of culture and the theoretical magnifying glass of cultural studies. Reflects on the Jojô Todynho phenomenon - funky, fat and black, whose style and music have fallen into popular taste, snatching thousands of followers. It is a qualitative text, anchored in the bibliographic contribution. As a result, it was possible to perceive evidence

<sup>1</sup> Pós-Doutor em Educação pela Universidade de Coimbra –UC/Pt. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-Goiás. Doutorando em Educação pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA Professor Titular na Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior – FIMES/UNIFIMES. E-mail: maximo@unifimes.edu.br;

<sup>2</sup> Doutora em Didática pela Universidade de Aveiro (UA) - Portugal. Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC). Membro integrado do Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores da UA. Membro colaborador do Núcleo de Investigação, Educação, Formação e intervenção da ESEC. E-mail: filomena@esec.pt;

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), Doutoranda em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Mestra em Educação Comunitária pela Faculdades EST/UFMG. Professora Titular na Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior –FIMES/UNIFIMES. E-mail: maura@unifimes.edu.br;

<sup>4</sup> Doutora e Mestra em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília – UCB. Professora Adjunta da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS. E-mail: santanapsi@gmail.com;

<sup>5</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Inhumas. PPEDU-FacMais. Professora e Coordenadora do Curso de Pedagogia da FacMais. E-mail: katielly@facmais.edu.br;

<sup>6</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. Professora substituta na Secretaria de Educação do Estado de Goiás e no Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. Membro do Grupo de Pesquisa NEPEM/UNIFIMES. E-mail: vanessaprof.alves@gmail.com.

of female self-representation and the reframing of feminist discourse in the figure Jojô Todynho, the representations of the female body in funk, as well as issues of race and social classes.

**Keywords:** Funk / Music; Fat body; Identities; Culture, Cultural Studies.

## **Dialogando sobre o tema**

O corpo e a música vistos como artefatos culturais tornam-se objeto de interesse e de disputa de várias áreas do conhecimento, dentre as quais a cultura e a educação. Olhando, a partir da perspectiva da cultura, aproximando-se da lupa teórica dos estudos culturais e do referencial teórico pós-crítico, o corpo e a música são artefatos que produzem discursos de grande importância para os estudos da cultura.

Esse deslocamento do termo *cultura* para uma posição de “centralidade” em tempos modernos, denota segundo Hall (1997a) para “a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea” (p.22); a todo momento somos atravessados pelos seus artefatos que marcam nossa trajetória, atuando diretamente nos processos que nos constituem identitariamente. Nessa direção, o corpo é um espaço fértil de discussões, cenário e palco de vários movimentos, dentre os quais Dias (2019, p.3) cita a da “Segunda Onda Feminista”– a partir de 1960 –, onde a máxima: “o pessoal é político” levantou discussões a respeito dos papéis sociais da mulher, bem como a liberação sexual e do próprio corpo” (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2003, p. 11-12). Essas discussões, são fortes nos contextos que analisam o funk, sendo que orquestram o pensamento no seu formato côncavo e convexo, ou seja, tanto dentro do grupo de pesquisadores que estudam e defendem o funk como movimento musical e social, quanto no grupo dos críticos sociais que não olham nessa mesma direção.

Este trabalho trata do corpo gordo, não de forma pejorativa, negativa, destrutiva, mas como uma reflexão social que deve ser feita para além dos muros da academia, no intuito de amenizar a estigmatização que o corpo gordo sofre cotidianamente. O corpo, como bem afirma Louro (2001) é uma construção histórica, social e cultural, por onde perpassam discussões de várias ordens realizadas nas relações e em instituições sociais de diversos tipos. Portanto, um corpo, seja ele novo, velho, magro ou gordo “envolve uma complexa rede de relações sociais, culturais e biológicas, porém, nota-se, em geral, que os aspectos mais estudados sobre o corpo gordo são os biológicos” como afirmam Gautério e Silva (2014, p. 22).

Trazer uma discussão firmada na pedagogia do corpo<sup>7</sup> é mergulhar com força nas Pedagogias e Políticas das Diferenças<sup>8</sup>, cujo arcabouço temático é bastante amplo. Olhar essa última na lupa teórica dos estudos culturais, a partir da vertente dos estudos do corpo, é permitir a introdução de novas variáveis referentes ao debate acerca das identidades e diferenças, no intuito de examinar as representações, a produção de sentido, lugares sociais e daí suas políticas representacionais e simbólicas. Vimos, no corpo gordo no funk, um artefato com todas essas possibilidades.

Mas afinal o que é um corpo gordo? Segundo Dias (2019, p.9) citando Fischler (2005, p. 74) são corpos “transgressores” que desrespeitam, desobedecem “algumas regras sociais que governam o comer, o prazer, o trabalho, o controle de si, passando por indivíduos que comem além da sua cota social”, portanto, compulsivos, doentes. Para Vigarello (2012) “o corpo gordo começou a ser associado a características negativas, como a lerdeza, preguiça e a incapacidade intelectual por volta do século XVII” (p. 66-67), no entanto, “a ideia de que uma pessoa gorda seria uma pessoa doente, devido à sua condição física, remete à segunda metade do século XIX, quando se passou a associar a gordura com deformações e lesões de órgãos e a “fraqueza vital”, ou seja, esgotamento físico e cansaço” (p. 227-229). Na fala dos autores, percebemos a presença de adjetivos que corroboram a construção social da forma como o corpo gordo é visto, tais como: grotesco, excessivo, repugnante, etc., no intuito de fixá-lo numa categoria “inferior por sua falta de autocontrole e disciplina” (LUPTON, 2013, p. 56).

O funk, assim como outros estilos musicais black, como o rap e o hip-hop, fazem parte das tradições afrodiáspóricas<sup>9</sup>, cujos ideais perpassam a história da escravidão e o pensamento de lutas advindos das músicas de tradição africana estadunidenses. Inspirados por essas ideias, jovens cariocas, olhando as mazelas sociais, a vulnerabilidade do/a cidadão/cidadã e o desrespeito às garantias de direito, fazem crítica, ironizam e debocham da organização social imposta, o que mostra o funk carioca como um artefato intrincado nas múltiplas diferenças sociais, portanto, diverso em identidades, diferenças e conseqüentemente em representações.

Assim como em outros estilos musicais, o funk também enfrenta a barreira de gênero e acaba sendo, ainda, um território fortemente marcado pela força masculina. No entanto, cabe salientar que a presença feminina e seus corpos, que antes eram vistos apenas como fonte de inspiração dos funkeiros e adereços para coreografias de suas músicas, ganham hoje novas

---

<sup>7</sup> Aqui compreendida no sentido da construção da identidade do corpo perpassada pela cultura, controle e poder.

<sup>8</sup> São Pedagogias que, em suas concepções e práticas atestam a existência dos diferentes e examinam políticas representacionais e estratégias implicadas na produção de lugares sociais.

<sup>9</sup> As tradições afrodiáspóricas, portanto, não são estáticas, mas resultam de negociações complexas de resignificação da herança cultural africana (BHABHA, 2010, p. 21)

conotações. “O corpo, [...], além de ser o centro das atenções, tornou-se discurso visual, não verbal, a respeito do que somos. Ele é, pois, o lugar de construção das identidades”, afirma Isse (2003, p. 43). No funk, o corpo é um elemento central, usado muitas vezes como medidor das relações hierárquicas estabelecidas como, por exemplo, o estar na moda e estar fora da moda, estar nos padrões ou fora dos padrões. Pelo corpo, perpassam sentimentos, adornos – que às vezes se constituem como marcas de poder – e a sexualidade – que no funk pode levar a um lugar de (des) respeito, um lugar (des) privilegiado. Assim, a partir das vozes que ecoam do corpo gordo, Jojô Todynho, que o apresentador e repórter Rafinha Bastos, num tom humorístico fez uma grande crítica social e política, afirmando querer “[...] um país forte, um país com estrutura, um país seguro. Quero um país como o sutiã da Jojô Todynho” (BASTOS, 2018)<sup>10</sup>

Discutir sobre o corpo gordo e, nas entrelinhas, a figura feminina no estilo musical funk, é importante para o desenvolvimento de reflexões e do pensamento crítico acerca das identidades e das representações que esses artefatos, ordenados pelas mídias, geram no imaginário coletivo. “Não se pode falar em constituição de identidade, mesmo pessoal, sem situá-la e contextualizá-la em um tempo e um espaço específicos, considerando as influências e pressões que o grupo social impõe a tal construção”, afirmam (MAGALHÃES; CARDOSO, 2010, p.48).

Para Mendonça (2011, p 2)

O processo de constituição da identidade do funkeiro se constitui a partir de processos de reconhecimento no interior de redes embaladas pela subcultura funk. (...) essa “identidade não se constitui como sendo fixa, mas que sua constituição cria certas bases sobre as quais se assentarão outras identidades sendo, portanto, a identidade funkeira, a base estruturante da personalidade manifestada o que não quer dizer que a mesma não sofra mudanças. (p. 2)

A partir dessas concepções teóricas o autor apresenta o processo de estigmatização da identidade funkeira, visto de perspectivas

[...] resultantes de dois processos paralelos: o primeiro, como sendo constituído em contexto sócio-histórico perpassado pela sensação de medo e insegurança; o outro, como sendo constituído por longo processo de representação social perpassado por preconceitos de cunho sócio-histórico no qual há a desvalorização dos pobres e sua produção (MENDONÇA, 2011, p 2).

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://twitter.com/rafinhabastos/status/964950142431330304>

Depois dessa fala privilegiada de Mendonça sobre as identidades funkeiras, pontuamos alguns questionamentos: quem são as funkeiras? Que construções sociais são feitas a partir de suas imagens? O que falam sobre elas?

Deste ponto, é possível perceber as construções sociais e os processos de (in) exclusão, que marcam as relações de gênero e humanas na música popular brasileira, que estão intrínsecas nas entrelinhas das letras e no ritmo do funk, podendo assim colaborar para a construção de um pensamento social que cria imagens estereotipadas das mulheres e de seus corpos no funk. É importante, nesse contexto, compreender que o “corpo é, sempre, resultado provisório e inacabado. Atravessado e constituído por categorias sociais como classe, geração, raça/etnia, gênero e sexualidade, pode ser compreendido de diversas formas” como afirma Dornelles (2012, 189).

### **O funk no contexto social brasileiro**

Lopes (2010), apresenta o funk carioca como um fenômeno musical de natureza complexa e múltipla que, nos últimos anos, vem sendo objeto de estudo de várias áreas, observado e discutido sob diferentes enfoques. Para o autor, o funk é uma das maiores manifestações culturais de massa do Brasil, pois retrata o contexto social e o dia a dia dos moradores das zonas periféricas/favelas do Rio de Janeiro. O hibridismo é marca indelével de sua performance que perpassa “processo de apropriação, transformação, nacionalização e comodificação de ritmos da diáspora africana”, comenta (LOPES, 2010, p. 13).

A presença feminina no funk, tem gerado discussões em várias vertentes e já se tornou objeto de diferentes estudos. Os estereótipos que giram em torno das funkeiras são aqueles relacionados à sobrevalorização de seus corpos, suas gingas e seus atributos físicos, dando uma grande ênfase ao bumbum. A sexualidade é uma marca do feminismo no funk, pois muitos veem nela “a expressão do erotismo, onde as mulheres são tidas como ousadas e desinibidas” (AMORIM, 2009, p. 91-94 adaptado). Tais fatos têm dividido opiniões, levando assim a uma avaliação negativa do estilo musical e das performances advindas dele, havendo mesmo quem afirma que o funk não é cultura, não é arte e nem tampouco expressão musical. Ramos (2016) e Rêgo (2018) rebatem: “dizer que funkeiros e/ou hip hoppers não têm cultura é um modo de agir cultural, que tem base em discriminações sociais e de classe social” (RAMOS, 2016, p. 21). “Esse estereótipo do funk carioca, visto como “música menor” serve também para legitimar

‘músicas boas’, reforçando discursos hegemônicos sem maiores aprofundamentos, afirma” (RÊGO, 2018, p. 544).

É importante frisar que a opinião negativa sobre o funk advém de um grupo social, de uma parcela da sociedade e que não representa em sua totalidade a população brasileira. Existem outros grupos na contramão dessa concepção, que curtem o funk como estilo musical e o veem como uma importante manifestação de massa e cultura no Brasil. Além desses aspectos, o funk tem trazido outras contribuições para a sociedade carioca, dentre as quais Caetano (2015) “cita a contribuição econômica, que movimenta um valor estimado de R\$ 10,607 milhões por mês, totalizando cerca de R\$ 127,285 milhões por ano” (p.53, adaptado).

### **Que tiro foi esse, que tá um arraso?: Jojô Todynho - Corpo gordo no funk**

“Quer causar, a gente causa. Quem olha o nosso bonde pira” (JOJÔ TODYNHO) Essa é uma provocação bem delineada e própria para definir a jovem funkeira de 23 anos, “Jordana Gleise de Jesus Menezes”<sup>11</sup>, nacionalmente conhecida com Jojô Todynho, que chegou como uma “bala”<sup>12</sup> no funk carioca. Nascida no bairro Bangu subúrbio do Rio de Janeiro em 11 de fevereiro de 1997, pertencente à camada social pobre, Jojô Todynho, inicia seu contato midiático no Facebook e no YouTube, onde a jovem destemida, em suas redes sociais falava sobre “sexo e relacionamentos amorosos”<sup>13</sup>. A partir de 2017 direcionou o seu foco para a carreira artística e musical. No entanto, a sua acessão como artista em âmbito nacional se deu em 2018 com o hit “Que Tiro Foi Esse?”. Além da voz aveludada, do ritmo gostoso do funk e dos arranjos diferenciados da música, a jovem cantora chamou a atenção pelos seus atributos físicos dos quais destacamos o corpo “gordo” e os seios fartos nº 58, naturais, segundo a cantora.

Tais atributos a colocaram num patamar físico diferenciado das outras cantoras do funk, talvez até um pouco longe dos estereotipados socialmente para esse estilo musical, que insiste em vender a valorização da mulher magra, com corpos delineados como sinônimo de corpo bonito e sexy. No entanto, os discursos oriundos da música e do corpo visual e verbal, segundo Isse (2003) entrecruzaram as diferenças, criaram alianças/aceitações, suprimiram a visão padronizada de corpos e naturalizaram no funk o corpo gordo, o que pode ser explicado

---

<sup>11</sup> Extra (23 de agosto de 2017). «Jojô Todynho fala dos seios 58: 'Naturais e sem estrias'». Gazeta Online. Consultado em 21 de janeiro de 2018. Cópia arquivada em 21 de janeiro de 2018.

<sup>12</sup> Rápida, pontual.

<sup>13</sup> Leonardo Rodrigues (4 de setembro de 2017). «Quem é Jojo Todynho, a funkeira ‘plus size’ que roubou a cena de Anitta?». UOL Música. Consultado em 4 de fevereiro de 2018

com a assertiva de Foucault (1987) que afirma que “o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (FOUCAULT, 1987, 28).

Como bem se definiu em entrevista à Folha de São Paulo (2018) "Sou uma afronta"<sup>14</sup> - Preta, pobre e gorda, eu sou uma afronta para a sociedade". Mulher de personalidade forte, de consciência da sua representatividade como mulher, gorda e preta – que hoje encontra-se em espaço de poder -, que legitima seu direito de fala, assumindo sua identidade e a defendendo, deixando perceber que não tem medo das críticas e nem dos críticos de plantão, como fez em seu pronunciamento disponível no BOL (08/04/2018 14h00):

Ei, psiu! É com você mesmo, e aí já cuidou da sua vida hoje? É, você mesmo, do textão, dos memes, DONOS DA MORAL E DA ÉTICA! Te vi dançando ontem ao som de 'Que tiro foi esse?', de 'Vai Malandra', e várias outras músicas que você fala que odeia", começou ela na declaração direcionada aos haters. ‘Sem talento? Sem cultura? Toma vergonha na cara de vocês! Vai ter personalidade, amor. Entendeu? Eu sou de verdade, eu não vivo para agradar ninguém não, eu vim para me agradar. Você que perde o seu tempo botando texto, fazendo meme (risos), só está perdendo tempo mesmo’ (BOL 08/04/2018 14h00)<sup>15</sup>.

Com tudo o que foi discutido até aqui, fica claro que Jojô Todynho, é marca de resistência. Mulher funkeira que determina seu lugar em um território predominantemente masculino e rompe com o estereótipo do corpo pré-estabelecido para a mulher funkeira e estabelece sua autorepresentação como mulher e símbolo desse movimento musical. Sua identidade caiu no gosto popular, primeiro, porque é uma cantora de muito talento; segundo, porque traz as marcas e representa - no funk - uma parcela da sociedade que não tinha representatividade musical – a da mulher negra de corpo gordo.

Para Sant’Anna (2000, op. Cit, p. 57), o corpo é “o mais belo traço da memória da vida”. Olhando nessa perspectiva Isse (2003) salienta que “é pelo corpo que nos expressamos e nos aproximamos, e é pelas marcas nele inscritas que nos agrupamos e nos identificamos com os outros” (p. 43).

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/listas/jojo-todynho-sincerona-13-vezes-em-que-a-cantora-falou-a-real.htm>

<sup>15</sup> <https://www.bol.uol.com.br/listas/jojo-todynho-sincerona-13-vezes-em-que-a-cantora-falou-a-real.htm>

Finalizando esse tópico, recorremos às palavras questionadoras de Sant'Anna (2006), “CORPO - como uma dada cultura ou um determinado grupo social criou maneiras de conhecê-lo e controlá-lo?” (SANT'ANNA, 2006, p. 4).

O questionamento “que tiro foi esse? ”, nos leva a pensar em algo inusitado, em uma situação contraditória, chocante, como um tiro quando ouvido no meio da noite e que causa desassossego e medo. A expressão, “que tá um arraso” mostra que o “susto” é no bom sentido, algo que não se esperava que ocorresse e que ocorreu. Até no verso principal da canção ela inova porque parece alertar sobre algum perigo, algo inusitado acontecendo para, depois, dizer que tal ocorrência está agradando, está surpreendendo, está se destacando. Quando pensamos no corpo gordo, pensamos nas várias identidades femininas que povoam o funk carioca e nas diferenças existentes entre elas, pensamos nos seus aspectos culturais e sociais, quebrando os paradigmas de um enquadramento social preposto a partir de regras, padrões, que não deixam de ser uma forma de controle e poder sobre os corpos, principalmente dos corpos femininos, que segundo Goellner (2001), foi alvo de “estratégias de controle e ocultamento a ele dirigida”. (p.36).

Na linha dessas ideias, Soares (2008) fala dos corpos gordos femininos reprimidos, mas que - ao longo do tempo - foram rompendo as estruturas dessa sociedade que é plural e, assim, se estabelecendo como corpos femininos belos, diferentes e também plurais. Nesse caso, Sant'Anna (2000) salienta que corpo belo está para “a concepção de beleza, que é uma característica feminina, assim como, a força, que é uma particularidade masculina, que atravessa os séculos e as culturas como algo a priori” (p. 121).

## **Resultados e discussões**

Historicamente falando, conceitos como saúde/beleza/corpos sofreram modificações em suas representações ao longo do tempo. Hoje, novos signos permeiam esses conceitos. O corpo gordo, por exemplo, que outrora foi considerado símbolo de saúde e beleza, atualmente é visto com mais precisão pela lupa dos aspectos biológicos, como ponto negativo, por modelo não ideal de beleza que se deve evitar, mesmo que colocando em risco a própria saúde. Trazer uma reflexão, sobre um corpo gordo em destaque na mídia, pode colaborar para que tal modelo, seja observado por outros aspectos diferenciados do biológico, como a exemplo do histórico, social e cultural.



Percebem-se ressignificações dos discursos sobre o funk e sobre a mulher no funk. Muitos desses discursos vinculavam o funk à violência, apologia às drogas e ao apelo sexual. Atualmente, é comum a presença de letras com foco no social, “falando da cultura de paz e união entre as galeras” (MARTNS, 2011, p. 68). Uma ressignificação do discurso e da imagem feminina precisa ser divulgado e discutido na academia, pois rompe com padrões preestabelecidos por uma sociedade machista e patriarcal e dá voz à mulher, fazendo ecoar seu discurso social que - no exemplo de Jojô Todynho, foi feito abertamente em suas redes sociais, onde abordou temas como sexo/sexualidade e relacionamentos amorosos.

Todynho promove a representação midiática do feminismo e do corpo gordo, rompendo com os paradigmas pré-estabelecidos socialmente, onde mulheres e seus corpos gordos eram invisibilizados. Acredita-se que, tomando a cantora como exemplo, outras mulheres de corpos gordos melhoraram sua autoestima e passaram a ser vistas pelos olhares externos como belas, ágeis, sensuais e dispostas.

E, por fim, as questões de ordem social e racial que pairam sobre o funk. O surgimento do funk carioca, trouxe à tona a discussão entre classes sociais, cor/raça no Brasil, visto como “som de preto, de favelado” como a ele se refere a canção com esse mesmo título, do DJ Marlboro, sendo que esse estilo musical foi - e ainda é - alvo de grandes discussões atreladas à grande visibilidade que o funk tem e gerado reflexões que, por sua vez, vêm contribuindo para o processo de (des)construção das identidades do funk carioca e brasileiro. Hoje, para delírio de alguns e desespero de outros, o funk é música popular brasileira, cantado e dançado por todas as classes sociais, reforçando a máxima do DJ Marlboro, que diz que: “quando toca, ninguém fica parado”.

## **Considerações finais**

Este trabalho objetivou problematizar o Corpo Gordo no Funk, visto a partir da perspectiva da cultura de mídia e da lupa teórica dos estudos culturais. Refletiu sobre o fenômeno Jojô Todynho – funkeira, gorda e negra, cujo estilo e música caíram no gosto popular, arrebatando milhares de seguidores. Não será chegada a hora de incorporar o currículo cultural no currículo escolar? Se o fizermos, não estaremos a contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva, que analisa, problematiza e reflete sobre o cotidiano, valorizando-o e dando-lhe voz? Importa assim, no quadro dos direitos humanos, repensar estas questões, possibilitando que os e as jovens que povoam as escolas, possam aprender de outro modo, através do confronto

e desconstrução de saberes e/ou práticas que apelem a uma maior conscientização e valorização de diversas culturas em presença, contribuindo para a formação de cidadãos e cidadãs mais atentos, responsáveis e críticos.

## Referências

AMORIM, Márcia Fonseca. **O discurso da/e sobre a mulher no funk brasileiro de cunho erótico**: uma proposta de análise do universo sexual feminino. 2009. 188f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

DIAS, Kamyla Stanieski. **#PareDeSeOdiar**: aprendizados sobre o corpo gordo e ativismo body positive no YouTube. Anais do 8º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação /5º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação (8º SBECE/5º SIECE)&gt; PPGEDU ULBRA, 2019, p. 1-11.

HALLFOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução Ligia M. Ponde Vassallo. Petrópolis, Vozes, 1987.

GAUTÉRIO, Carla Rosane Mattos; SILVA, Méri Rosane Santos da. **As diferentes vozes das mulheres do grupo colméia**: o corpo gordo feminino. **EDUCAÇÃO FÍSICA: DIGRESSÕES, CONTROVÉRSIAS E PERSPECTIVAS**. Revista Didática Sistêmica, ISSN 1809-3108 v.16 n.1 (2014). Edição Especial. p.21-33. Disponível em:

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A Educação Física e a construção do corpo da mulher**: imagens de feminilidade. *Motrivivência*. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, n. 16, 2001. p. 35-52.

HALL, Stuart. **A Centralidade da Cultura**: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. *Educação & Realidade*, v.22, n.2, p.15-46, jul/dez. 1997a.

ISSE, Silvane Fensterseifer; SANTIN, Silvino - Orientador. **Corpo e feminilidade**: um estudo realizado com meninas adolescentes no contexto da educação física escolar. 2003. 161 p. f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

LOPES, Adriana Carvalho. **“Funk-se quem quiser”** no batidão negro da cidade carioca. Tese de doutorado apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2010.

LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

LUPTON, Deborah. *Fat*. Londres: Routledge (Shortcuts), 2013.

MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva. **A pessoa com deficiência e a crise das identidades na contemporaneidade**. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742010000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742010000100003&script=sci_abstract&tlng=pt)

MENDONÇA, Vanderlei Cristo. **A identidade funkeira e a luta contra a incriminação e discriminação da juventude pobre a partir do funk**. v. 1 n. 1 (2011): Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/snpgcs/article/view/1495>. Acesso em 15 out 2020.

RAMOS, Izabela Nalio. “Entre ‘perifeminas’ e ‘minas de artilharia’: participação e identidades de mulheres no hip hop e no funk”. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. São Paulo: USP. 2016.

RÊGO, Tânia Maria Silva. **Funk carioca, relações de trabalho e de gênero**: reflexões sobre o filme “Sou feia, mas tô na moda”. Anais do SIMPOM. 2018. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/view/7808>. Acesso em 10 out 2020.

SANT’ANNA, D.B. **Descobrir o corpo**: uma história sem fim. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 49-58, jul./dez. 2000.

\_\_\_\_\_. É possível realizar a história do corpo? In: SOARES, C.L. (Org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 3-24.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao século XX. Petrópolis: Vozes, 2012.



#### **Como citar este artigo (Formato ABNT):**

PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo; TEIXEIRA, Maria Filomena Rodrigues; CATARINO, Elisângela Maura; SANTANA, Maria Luzia da Silva; SOARES, Katielly Vila verde Araújo; PEREIRA, Vanessa Alves. **Pedagogia do Corpo: O Fenômeno Jojô Todynho Corpo Gordo no Funk - “Que Tiro Foi Esse, Que Tá um Arraso?”**. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Outubro/2020, vol.15, n.52, p. 913-923. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 27/10/2020;

Aceito: 29/10/2020.